

A acção de Álvaro Pinto na 'Renascença Portuguesa'

SINTO-ME completamente incapaz para falar de um homem como o Álvaro Pinto da maneira que se me afigura mais justa, mais objectiva, mais adequada. Sou da índole do filósofo, de maneira alguma da do historiógrafo; a história, para mim, nunca passou de um meio para pregações de pedagoga, para congeminções de sociólogo, pois que pendo para a architectura das relações intelligíveis, não para a narrativa dos sucessos particulares.

Ora, o retrato mais justo do Álvaro Pinto seria (creio eu) a história das realizações da «*Renascença Portuguesa*». Foi aí que as circunstâncias e o indivíduo se ajustaram perfeitissimamente, e que a obra teve toda a amplitude que podia ter.

Há seres que são dotados de um instinto específico de construção, — instinto que, causando espanto admirativo nos estudiosos que a eles se dedicam, os conduz às vezes à crença filosófica de estar a intelligência na raiz do biológico, em vez de ser um produto da vida, consoante a tese dos materialistas. Desse instinto construtor dá exemplo a abelha; dá exemplo o castor; dá exemplo a aranha. O favo da primeira, o dique do segundo, a teia desta última, são grandes maravilhas de justeza técnica.

Pois bem: desde que se fundou a «*Renascença Portuguesa*» cobre a impressão de que o Álvaro Pinto tinha, ao nível superior e humano, uma certa analogia com esses seres espantosos, dotados de um instinto de cons-

trução específico. Pode-se dizer que a aptidão construtora se achava nele especializada também, exercendo-se com a gratuidade de um superior instinto: era (exprimindo-me imperfeitíssimamente) um como que génio de construção social ligada à criação pela revista e pelo livro, à actividade editora para o bem do comum.

Foi na fase da «*Renascença Portuguesa*» que essa índole se exerceu com mais vasta generalidade, com compreensão total: e por isso é que uma história da «*Renascença Portuguesa*» seria autênticamente um retrato dele, na verdadeira essencialidade do seu modo de ser. Em outro país, onde houvesse uma instituição cultural autónoma, independente de vicissitudes sociais-políticas, ter-nos-ia deixado uma construção classicista, ilimitada, contínua, a um nível sobranceiro de totalidade humanista, de validade permanente e universal. Encarado, pois, do ponto de vista da plenitude humana, julgo-o uma vítima do ambiente pátrio, como todos nós.

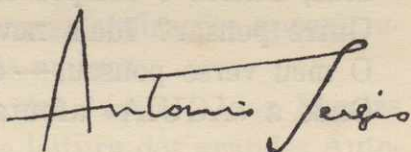
Eu recebi considerável benefício da sua acção na «*Renascença*». Logo depois da instauração da República, pareceu-me descobrir uma vocação em mim: a de inculcar a concepção verdadeira da Democracia (o que eu tinha como concepção verdadeira da Democracia, bem diferente da concepção dos tribunos da propaganda) e as reformas pedagógicas e sociais correspondentes. Ora, sòmente por uma série de pequenos escritos poderia eu iniciar o meu programa de reforma da mentalidade e da estrutura económica: e ninguém, decerto, me publicaria os opúsculos se acaso não existisse naquele momento uma empresa editorial desinteressada, no género da «*Renascença Portuguesa*».

É certo que as ideias que enunciei foram desprezadas numa primeira fase pelos homens que influíam nos

nossos destinos, e depois deturpadas numa segunda, ficando assim inúteis para a nossa Grew; para mim, porém, o poder comunicá-las a alguns leitores, dando uma sombra de realidade ao que supunha dever ser o meu papel, foi uma circunstância particularmente feliz.

Eis o benefício de que sou devedor à «*Renascença Portuguesa*», que a actividade do Álvaro Pinto sustentou.

Sintra, 1956.



«Unidade nacional! Solidariedade nacional! — pregam aqui e além meia dúzia de franco-atiradores, entre os motejos da maioria dos portugueses que, na sua indolência bezerra de pessoas bem comidas a quem nada aflige ou de políticos encarneirados para quem só o Chefe omnipotente tem artes de resolver o Universo, lhes chamam lunáticos, doidos e arritados! E contudo nada será possível avançar definitivamente nesta terra aventureira de revoluções e contra-revoluções, de desesperos e cobardias, sem que por todos os portugueses se espalhe, num íntimo sentido religioso, o mesmo intuito sagrado de tornar Portugal senhor de si próprio, pela reconstituição da sua alma portuguesa, em que um nobre ideal colectivo de pátria bem perfeita a todos envolva na mesma cruzada de renascimento nacional. Venha qualquer coisa de honesto a engrandecer-nos; venha uma ala de homens fortes criar a unidade nacional que nos falta. Que cada um se conheça e ocupe o lugar que lhe compete. O terreno é fértil; a sementeira já começou».

ÁLVARO PINTO ('*A Vida Portuguesa*', 1912).